

2 Sobre o arquétipo

2.1. Uma concepção já existente

Segundo Pieri, em seu **Dicionário junguiano**, o termo arquétipo “é tirado da filosofia, onde ocorre para indicar o modelo, o exemplar originário ou, simplesmente, o original de uma série qualquer” (PIERI, [1998] 2002, p. 44). Etimologicamente, a palavra *arquétipo* é formada pela raiz *arché*, cujo significado é arcaico, antigo; e *typos*, que significa impressão, marca.

De acordo com Jolande Jacobi, em seu livro *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*⁷, “o termo ‘arquétipo’, pelos seus componentes, permite reconhecer indicações importantes sobre [...] [seus] traços característicos.” (JACOBI, [1957] 1990, p.51) e, para isso, transcreve um ensaio de Paul Schmitt chamado *O arquétipo em Agostinho e Goethe*⁸, em que afirma:

A primeira parte, “arque”, significa início, origem, causa e princípio, mas representa também a posição de um líder, de uma soberania e governo (portanto, uma espécie de “dominante”); a segunda parte “tipo”, significa batida e o que é produzida por ela, o cunhar de moedas, figura, imagem, retrato, prefiguração, modelo, ordem, norma... transferido ao seu sentido mais moderno é amostra, forma básica, estrutura primária (algo que jaz no “fundo” de uma série de indivíduos “parecidos”, quer sejam seres humanos, animais ou vegetais) (SCHMITT apud JACOBI [1957] 1990, p.51-52)

Sobre a idéia de arquétipo, Jung afirma que ela pode ser encontrada em vislumbres, conceitos ou intuições de outros pensadores. Em seu texto *Instinto e inconsciente* do volume VIII de suas *Obras completas*, **A dinâmica do inconsciente**, afirma que

Platão confere um valor extraordinariamente elevado aos arquétipos como idéias metafísicas [...], em relação aos quais as coisas reais se comportam meramente [...] como imitações, cópias. Como bem se sabe, a filosofia medieval desde Agostinho – do qual tomei a idéia de arquétipo – até Malebranche e Bacon ainda

⁷Jung não só prefaciou este livro de Jacobi, como também o texto deste prefácio está contido em suas *Obras completas* em **Vida simbólica II** - volume XVIII/2: “*Komplex, Archetypus, Symbol in der Psychologie C.G. Jungs*” (JUNG, [1957] 2000a §§ 1256-1258). Nesse sentido, como veremos textualmente adiante, entendemos que Jung não só referendou Jacobi como também se sentiu plenamente compreendido por ela.

⁸Segundo Jolande Jacobi, este ensaio foi “publicado em *Eranos*, na homenagem ao 70º aniversário de Jung (Vol. Esp.), Zurique, 1945, p. 98 e segs.” (JACOBI, [1957] 1990, p. 52 nota 50).

se encontra no terreno platônico, sob este aspecto, embora a Escolástica já desponte a noção de que os arquétipos são imagens naturais gravadas no espírito humano, e com base nas quais este forma seus instintos (JUNG, [1919] 1984 §275).

Entretanto, posteriormente, em correspondência ao *Father Victor White*, em **Cartas II**, datada em 24/09/1948, Jung assevera de forma distinta, retificando-se:

Descobri há pouco que a palavra arquétipo foi empregada pela primeira vez por Filo: *De opificio mundi*, 69 [...] Até agora achava que tivesse ocorrido pela primeira vez no *Corpus hermeticum* [...]. Santo Agostinho não usa a palavra “arquétipo”, como eu supus erroneamente no passado, mas apenas a idéia; mas ela ocorre em Dionísio Areopagita.(JUNG, [1946-1955] 2002, p.111)⁹

No texto *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*, no livro **A dinâmica do inconsciente** – volume VIII das *Obras completas* –, Jung também aponta afinidade de sua idéia de arquétipo com idéias de Hipócrates, Agrippa de Nettesheim, Zoroastro, Sinésio, filósofos Platônicos e Hans Driesch (JUNG, [1952] 1984 § 920 e 921)

No *Prefácio a Von den Wurzeln des Bewusstseins*, em **Vida simbólica II** – volume XVIII/2 das *Obras completas* –, Jung afirma “que este tema [arquétipo] já [...] [foi] abordado por mim e por autores como Heinrich Zimmer, Karl Kerényi, Erich Neumann, Mircea Eliade e outros” (JUNG, [1953] 2000a § 1250).

Em seu texto *Aspectos psicológicos do arquétipo materno* no livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume IX/1 das *Obras completas* –, Jung diz que

não é de modo algum mérito meu ter observado este fato [arquétipo] pela primeira vez. As honras pertencem a Platão. O primeiro a pôr em evidência a ocorrência, na área da etnologia, de certas “idéias primordiais” que se encontram em toda a parte foi Adolf Bastian. Mais tarde, [...] pesquisadores da escola de Dürkheim, Hubert, Mauss¹⁰, [...] [e o] eminente Hermann Usener. (JUNG, [1938/1954] 2000b §153)

⁹Corroborando esta auto-correção de Jung, deparamo-nos com uma nota ao texto citado – *Instinto e inconsciente* do volume VIII de suas *Obras completas*, **A dinâmica do inconsciente** – aparentemente de autoria não pertencente a Jung: “mas o termo *archetypus* se encontra em Dionísio Areopagita e no *Corpus Hermeticum*” (JUNG, [1919] 1984 §275 nota 9)

¹⁰Numa nota do texto *O arquétipo com referência especial ao conceito de anima*, do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, diz o seguinte: “Hubert et Mauss (*Mélanges d’histoire des religions*, prefácio p.XXIX) chamam de ‘categorias’ estas formas apriorísticas de ver, provavelmente apoiados em Kant [...] os autores presumem que as imagens originárias são dadas pela linguagem. Esta suposição em alguns casos é correta, mas de um modo geral é refutada pelo fato de que grande parte de imagens e conexões arquetípicas são trazidas à luz através da psicologia onírica e da psicopatologia, que nem seriam passíveis de comunicação mediante o uso histórico da linguagem” (JUNG, [1936/1954] 2000b § 136 nota 26)

Mesmo com esta idéia de reinvenção de algo pré-existente ou aparente busca de referendamentação de sua própria teoria, a concepção de Jung de arquétipo é uma das contribuições mais originais e controvertidas de seu pensamento (PIERI, [1998] 2002, p.44).

A hipótese dos arquétipos, um dos fundamentos da Teoria Junguiana, se alicerça e se mescla com a noção de *inconsciente coletivo*¹¹. No texto *O conceito de inconsciente coletivo* do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume IX/1 das *Obras completas* –, Jung diz que “o *conceito de arquétipo*, que constitui um correlato indispensável da idéia de inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas da psique, que estão presentes em todo tempo e lugar.” (JUNG, [1936] 2000b § 89).

Ao longo da obra de Jung, podemos depreender que ele não concebe a psique como uma *tabula rasa*. Em passagens específicas, como no *Prefácio ao livro de V. de Laszlo: “Psyche and Symbol”* do livro **Vida simbólica II** – volume XVIII/2 das *Obras completas* –, Jung é enfático ao afirmar que “a mente não nasceu *tabula rasa*” (JUNG, [1957] 2000a §1271).

Esta explicitação também é encontrada no texto *O arquétipo com referência especial ao conceito de anima* do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, quando afirma Jung: “Na minha opinião é um grande equívoco supor que a alma do recém-nascido seja *tabula rasa*, como se não houvesse nada dentro dela.” (JUNG, [1936/1954] 2000b § 136). De acordo com este autor, a psique possuiria, essencial e aprioristicamente, o *inconsciente coletivo*.

Voltando ao texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, Jung afirma que o inconsciente coletivo é uma camada mais profunda, inata, universal e idêntica em todos os seres humanos. “Um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 3).

Para este autor, no texto *O conceito de inconsciente coletivo*, ainda do mesmo livro, diferentemente do inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo não se deve à experiência individual, pois “seus conteúdos nunca estiveram na

¹¹ Trabalhar-se-á sobre o inconsciente coletivo mais adiante.

consciência” e não são “adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade¹²” (JUNG, [1936] 2000b § 88).

Não se desenvolvendo individualmente, mas sendo herdado, o inconsciente coletivo “consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência” (idem § 90).

Ainda nesta mesma direção e no mesmo texto, mas numa frase existente somente na versão inglesa, Jung afirma que “enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*” (JUNG, [1936] 2000b § 88)¹³. Desta forma, segue-se idéia, já explicitada no início do mesmo livro, mas em outro texto, que, “os conteúdos do inconsciente coletivo [...] são os chamados *arquétipos*.” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 4).

Segundo Jung, seus conceitos foram construídos a partir de suas observações e pesquisas. Assim, como já apontado, a “hipótese” do “inconsciente coletivo não é uma questão especulativa nem filosófica, mas uma questão empírica” (JUNG, [1936] 2000b § 92) e passível de investigação. De forma análoga, em **A dinâmica do inconsciente** – volume VIII das *Obras completas* –, no epílogo do texto *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico*, Jung afirma que a idéia de arquétipo é baseada em fatos psíquicos observáveis não só por ele, como “também por outros observadores” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 436).

Mais que isso, seria uma idéia que é construída a partir de “reflexões bem fundamentadas que tornam questionáveis coisas aparentemente simples e seguras e, por isso, caem no desagrado. Parece que a teoria dos arquétipos entra nesta categoria” diz, novamente, no *Prefácio a “Von den Wurzeln des Bewusstseins”* (JUNG, [1953] 2000a § 1250). Pois, ainda neste mesmo texto, é “fácil demonstrar a existência e a eficácia dos arquétipos” e a “sua fenomenologia leva a questionamentos bem difíceis” (idem §1251).

De acordo com Jung, no texto *A fenomenologia do espírito no conto de fadas* em **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume IX/1 das *Obras completas* –,

¹²Mais adiante, no *Prefácio ao livro de V. de Laszlo: “Psyche and Symbol”*, Jung esclarece que “os arquétipos pertencem ao âmbito da atividade instintiva e neste sentido são padrões hereditários de comportamento psíquico.” (JUNG, [1957] 2000a § 1273)

¹³Ver-se-á sobre *complexo* mais adiante.

os arquétipos não são invenções arbitrárias, mas elementos autônomos da psique inconsciente, anteriores a qualquer invenção. Eles representam a estrutura inalterável de um mundo psíquico, o qual mostra que é “real” mediante seus efeitos determinantes sobre a consciência (JUNG, [1946/1948] 2000b § 451).

2.2. Uma concepção construída

Ao entrar em contato com as *Obras completas* de Jung, podemos observar que a noção de arquétipo foi, paulatinamente, construída. Passou por etapas, nomenclaturas distintas como “imagens primordiais” (JUNG, [1938/1954] 2000b § 153) e “às vezes [...] também de *dominantes*” que o levaram a postular a existência de “*certas condições coletivas inconscientes*” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 403) que mais tarde chamou de *arquétipo*.

Segundo Samuels, Shorter e Plaut, no **Dicionário crítico de análise junguiana**, Jung desenvolveu a teoria dos arquétipos em três momentos fundamentais.

Em 1912, em *Transformações e símbolos da libido*, cuja edição definitiva se deu em 1952 com o título **Símbolos da transformação** (JUNG, [1912/1952] 1986), Jung “escreveu sobre imagens primordiais que reconhecia na vida inconsciente de seus pacientes, como também em sua própria auto-análise” (SAMUELS, [1986] 1988, p. 38). Estas imagens, sendo promovidas a partir do inconsciente coletivo, continham motivos semelhantes e repetidos em diversos locais e em distintos momentos da história. Seus “aspectos principais” seriam a “numinosidade, inconsciência e autonomia” (idem).

Em torno de 1917, num texto inicialmente denominado *Die psychologie der unbewussten Prozesse* (*A psicologia dos processos inconscientes*)¹⁴, Jung falava

¹⁴Em **Freud e a psicanálise** (volume IV das *Obras completas*), no texto XIII – *Prefácios a “Collected Papers on Analytical Psychology”* – encontramos, no prefácio *À segunda edição*, a seguinte nota se referindo ao capítulo XIV *A psicologia dos processos inconscientes*: “Primeira versão: *Neue Bahnen der Psychologie* [Novos caminhos da psicologia] (1912); ampliada como *Die psychologie der unbewussten Prozesse* [A psicologia dos processos inconscientes] (1917); como *Das Unbewusste im normalen und kranken Seelenleben* [O inconsciente na vida da alma normal e doente] (1926) e, finalmente, como *Über die psychologie des Unbewussten* [Sobre a psicologia do inconsciente, cujo título em português ficou como *Psicologia do inconsciente*] (1943), em *Obras Completas, VII.*” (JUNG, [1917] 1989 § 684 nota 3). Já no prefácio à primeira edição do texto *Psicologia do Inconsciente* do volume VII das *Obras completas* – **Estudos sobre psicologia analítica** (JUNG, 1978) – Jung diz que “este pequeno trabalho [*Die psychologie der unbewussten*

de “dominantes não pessoais ou pontos nodais da psique, que atraem energia e influenciam o funcionamento de uma pessoa” (ibidem).

Em 1919, usa pela primeira vez o termo arquétipo, “a fim de evitar qualquer sugestão de que era o conteúdo e não o esboço ou padrão inconsciente e irrepresentável que era fundamental” (idem). Em **A dinâmica do inconsciente**, no já citado texto *Instinto e inconsciente*, há uma nota, cuja estrutura sugere não ser de Jung¹⁵, afirmando que:

Esta é a primeira vez que Jung emprega o termo “arquétipo”. Em publicações anteriores ele designa o mesmo conceito com a expressão “imagem primordial” (Urbild) [...] Os termos “imagem primordial” e “arquétipo” são usados aqui e em outros escritos em sentido equivalente. Isso deu origem à opinião errônea de que Jung pressupõe a hereditariedade das representações (idéias ou imagens), ponto de vista este que Jung retificou por várias vezes [...]. (JUNG, [1919] 1984 § 270 nota 8)

De maneira análoga, Gary V. Hartman, em seu artigo *Uma Cronologia da História e do Desenvolvimento da Obra e Teoria de Jung (1902-1935)*, publicado originalmente no jornal junguiano **Quadrant**, assevera que

Começando com o conceito de Jakob Burckhardt das imagens primordiais, em 1912 (Wandlungen und Symbole der Libido), Jung lutou com a noção de padrões universais por quase trinta anos [1912-1952]. Em 1917, ele os chamou de “dominantes do inconsciente supra-pessoal” e “imagens cósmicas, universalmente humanas”. [...] em 1919, deparou-se com o termo arquétipo[...] (HARTMAN, 2000)¹⁶

Em outras passagens, Jung traça outras possibilidades de conexão com a idéia de arquétipo. Em **A dinâmica do inconsciente** – volume VIII em suas

Prozesse, 1917] surgiu no momento que, a pedido do editor, comecei a rever, para ser reeditado, o artigo *Neue Bahnen der Psychologie* [...], publicado em 1912.” (JUNG, [1917/1943] 1978 p. xiii). Podemos também observar que, para este texto – *Psicologia do Inconsciente* –, Jung não só fez cinco prefácios diferentes (datados em dezembro de 1916, outubro de 1918, abril de 1926, abril de 1936 e abril de 1942), como também realizou várias modificações e deu diferentes títulos, como já indicado acima. De acordo com os editores, o volume VII de suas *Obras completas* “contém dois estudos: *Psicologia do Inconsciente* e *O Eu e o inconsciente*. [...] O primeiro estudo foi publicado a primeira vez sob o título *Neue Bahnen der Psychologie (Novos caminhos da Psicologia)*, em 1912, no *Jahrbuch des Rascher-Verlages*, volume III, editado por Konrad Falke.[...]. As primeiras versões dos dois estudos têm seu valor do ponto de vista histórico, pois nelas encontramos as primeiras formulações dos conceitos da psicologia analítica, como são, por exemplo, o inconsciente pessoal e coletivo, o arquétipo [...]”. (JUNG, 1978 p.ix e x)

¹⁵Não conseguimos identificar o autor da nota.

¹⁶Não foi possível identificar a página precisa deste artigo devido ao fato de o mesmo estar disponível na *internet* sem paginação. No endereço <<http://www.rubedo.psc.br/artigos/cronojg.htm>> encontramos a seguinte referência: Hartman G. In: **Quadrant**: Journal of the C.G. Jung Foundation for Analytical Psychology, v. 30, n. 1, Copyright 2000. “Publicado e traduzido mediante expressa autorização do autor C. G. Jung [sic] Foundation for Analytical Psychology”.

Obras completas –, o texto *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico* descreve o “*Pattern of Behavior* [forma comportamental] e *arquétipo*” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 397), estabelecendo uma analogia biológica do *Pattern of behavior*: “instinto e forma arcaica coincidem com o conceito biológico de *pattern of behavior*.” (idem § 398)

De acordo com Jung, “a questão do instinto não pode ser tratada psicologicamente sem levar em conta a dos arquétipos” (JUNG, [1919] 1984, §271). Em outra passagem afirma também que,

Na medida em que os arquétipos intervêm no processo de formação dos conteúdos conscientes, regulando-os e motivando-os, eles atuam como instintos. Nada mais natural, portanto, do que supor que estes fatores se acham em relação com os instintos, e indagar se as imagens da situação típica que representam aparentemente estes princípios coletivos no fundo não são idênticos às formas instintivas, ou seja, aos *patterns of behavior*. Devo confessar que até o presente ainda não encontrei um argumento que refutasse eficazmente esta possibilidade. (JUNG, [1947/1954] 1984 § 404)

Além de ver os arquétipos como instintos ou como tendências instintivas e forma de pensar, como aponta no texto *Símbolos e interpretação dos sonhos em Vida simbólica I* – volume XVIII/1 de suas *Obras completas* (JUNG, [1961] 1998 § 545), ele os vê também como “manifestações psicológicas do instinto” (JUNG, [1957] 2000a §1271).

Num caminho teórico com diversas circunvoluções, ampliações, revisões e correções, Jung deparou-se com momentos em que se viu obrigado a dar explicações ao longo de sua vida acadêmica sobre suas idéias – com o arquétipo não foi diferente.

De acordo com Samuels, em seu livro **Jung e os pós-junguianos**: “no tom de ‘ninguém me compreende’ que era característico de seus últimos cinco anos, Jung observa” (SAMUELS, [1985] 1989, p.41), no *Prefácio ao livro de Jacobi: “Komplex, Archetypus, Symbol in der Psychologie C.G. Jungs”* – **Vida simbólica II**, vol.XVIII/2 das *Obras completas* –, que

o conceito de “arquétipo” dá ensejo a muitos mal-entendidos e, por isso, presume-se ser de difícil compreensão – se dermos ouvidos à crítica negativa. [...] Meus críticos, com raras exceções, não procuram dar-se ao trabalho de ler o que venho dizendo, e atribuem-me, entre outras coisas, a opinião de que o arquétipo é uma idéia hereditária. Preconceitos parecem mais cômodos que a verdade (JUNG, [1957] 2000a §1258)

Além disso, diante de um conceito complexo, em diversos momentos Jung se preocupa mais em dizer *o que não é* a dizer *o que é* arquétipo. Assim, pode-se observar uma perspectiva apofática em distintas passagens de sua obra.

Os arquétipos, segundo Jung, no *Prefácio ao livro de Helsdingen: “Beelden uit het onbewuste”* – **Vida simbólica II**, volume XVIII das *Obras completas* –, não seriam “uma espécie de especulação filosófica” (JUNG, [1954] 2000a § 1273).

Em outro texto, chamado *O problema fundamental da psicologia contemporânea*, no volume **A dinâmica do inconsciente** – volume VIII das *Obras completas* –, Jung afirma: o “que sobretudo dificulta a compreensão é, muitas vezes, a opinião estúpida de que arquétipo significa uma idéia inata.” (JUNG, [1931] 1984 § 435).

Em *Símbolos e interpretação dos sonhos*, no livro **Vida simbólica I** – volume XVIII/1 das *Obras completas* –, diz que “meus críticos partem do falso pressuposto de que falo de ‘representações herdadas’ e por isso rejeitam o conceito de arquétipo como sendo mera superstição” (JUNG, [1961] 1998 § 524)

No livro **Símbolos da transformação** – volume V das *Obras completas* –, afirma que aquilo que mais tarde denominou de arquétipo “não se trata de uma hereditariedade característica de uma determinada raça, mas de uma propriedade humana geral. Também não se trata, em hipótese alguma, de *idéias* herdadas” (JUNG, [1912/1952]1986 § 154).

No já citado *Prefácio ao livro de V. de Laszlo: “Psyche and Symbol”*, Jung assevera que “os arquétipos não são de forma alguma indícios ou resíduos inúteis e arcaicos de um mundo primitivo” (JUNG, [1957] 2000a § 1272).

Em outro texto, também já citado, *Aspectos psicológicos do arquétipo materno*, Jung afirma:

sempre deparo de novo com o mal-entendido de que os arquétipos são determinados quanto ao seu conteúdo, ou melhor, são uma espécie de “idéias” inconscientes. Por isso devemos ressaltar mais uma vez que os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo, e no primeiro caso, de modo muito limitado. (JUNG, [1938/1954] 2000b § 155)

Afinal, segundo Jung, “não devemos confundir as representações arquetípicas que nos são transmitidas pelo inconsciente com o *arquétipo em si*” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 417).

2.3. Confronto com outros autores

Talvez em busca de referendament, Jung parece também procurar encontrar eco em outros autores de diversas áreas de conhecimento que, ao desenvolverem seus construtos teóricos, apontam para idéias que, segundo ele, indicam serem análogas às suas de *arquétipo*.

Assim, Jung diz que arquétipos, na “pesquisa mitológica”, são os “motivos” e “temas”; na “psicologia dos primitivos” são as “representations collectives” de Lévy-Brühl¹⁷ (JUNG, [1936] 2000b § 89), um conceito que poderia ser aplicado aos “conteúdos inconscientes [arquéticos], uma vez que ambos têm praticamente o mesmo significado” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 5). Nas “religiões comparadas”, são as “categorias de imaginação” de Hubert e Mauss¹⁸. Adolf Bastian designou como “pensamentos elementares” ou “primordiais”. Enfim, Jung observa o conceito de “uma forma pré-existente” reconhecida “em outros campos da ciência”. (JUNG, [1936] 2000b § 89).

Jung entende também que arquétipo é “uma tendência pré-existente do espírito humano de construir representações míticas”, e se vale de Lévy-Brühl quando este se refere a “représentations mystiques” em que há “uma tendência instintiva como construções” de ninhos ou migração das aves. Estas representações são encontradas “em toda parte e sempre se caracterizam pelo mesmo motivo ou por motivos semelhantes” (JUNG, [1961] 1998 § 530).

Em **Vida simbólica II** – volume XVIII/2 das *Obras completas* –, no *Prefácio ao livro de Bertine: “Menschliche Beziehungen”*, Jung, numa seara

¹⁷Apesar de Jung se valer de Lévy-Brühl para se referir ao termo *representations collectives*, este termo é conhecido na área da sociologia como algo construído, principalmente, por Durkheim. O que se pode depreender é que Durkheim buscava enfatizar a especificidade e a superioridade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Segundo Herzlich, para Dürkheim, “assim como a representação individual deve ser considerada um fenômeno psíquico autônomo não redutível à atividade cerebral que a fundamenta, a representação coletiva não se reduz à soma das representações dos indivíduos que compõem a sociedade. Ela é também uma realidade que se impõe a eles [a autora cita então DÜRKHEIM, E. **Les règles de la méthode sociologique**. Paris: PUF, 1956, p. XXII.]: ‘as formas coletivas de agir ou pensar têm uma realidade fora dos indivíduos que, em cada momento, conformam-se a elas. São coisas que têm existência própria. O indivíduo as encontra formadas e nada pode fazer para que sejam ou não diferentes do que são.’” (HERZLICH, 2005 p. 58)

¹⁸Em outro texto – *Aspectos psicológicos do arquétipo materno* –, mas no mesmo livro, Jung se refere a estes dois pesquisadores como pertencentes à “escola de Dürkheim” quando “falamos de ‘categorias’ próprias de fantasia”. Categorias que Jung aponta como idéias análogas à sua de arquétipo (JUNG, [1938/1954] 2000b §153).

teórica distante da sua, faz referência não só aos conceitos de complexo de Édipo como também de *resíduos arcaicos* ou *herança arcaica* apontados por Freud¹⁹ (JUNG, [1956] 2000a §1261), dizendo que teriam uma identidade arquetípica.

Também, no já apontado texto *O conceito de inconsciente coletivo*, Jung afirma que a psicologia de Freud e de Adler se baseia em fatores “biológicos universais”. Assim, nas palavras de Jung, estes seriam

analogias rigorosas aos arquétipos [...], [o que levaria a crer que] há boas razões para supormos que os arquétipos sejam imagens inconscientes dos próprios instintos; em outras palavras, representam o modelo básico do comportamento instintivo. (JUNG, [1936] 2000b § 91)

2.4. Busca de características

Mesmo tentando se valer destes outros teóricos, Jung, por diversas vezes, se viu na necessidade de definir, de maneiras distintas, o que queria dizer com arquétipo.

Neste sentido, numa passagem mais *poética* em **Símbolos da transformação**, diz que “os arquétipos são as formas ou leitos nos quais o rio dos fenômenos psíquicos corre desde sempre” (JUNG, [1912/1952] 1986 §337).

Em outro momento, no texto *A psicologia do arquétipo da criança* do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume IX/1 das *Obras completas* -, tenta estabelecer uma relação entre *forma e conteúdo*, ao afirmar que

nenhum arquétipo pode ser reduzido a uma simples forma. Trata-se de um recipiente que nunca podemos esvaziar, nem encher. Ele existe em si apenas potencialmente e quando toma forma em alguma matéria, já não é mais o que era antes. Persiste através dos milênios e sempre exige novas interpretações. Os arquétipos são elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma. (JUNG, [1940] 2000b § 301).

Ainda no mesmo livro, mas no já citado texto *O arquétipo com referência especial ao conceito de anima*, Jung assevera:

parece-nos provável que um arquétipo em estado de repouso, não projetado, não possui forma determinável, mas constitui uma estrutura formalmente indefinida,

¹⁹Inicialmente, no volume XVIII, em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (FREUD, [1921] 1976a, p. 98) e, posteriormente, no volume XXIII, em *Moisés e o monoteísmo* (FREUD, [1936] 1976b).

mas com a possibilidade de manifestar-se em formas determinadas, através da projeção (JUNG, [1936/1954] 2000b § 142)

Outro aspecto do arquétipo apontado por Jung é o seu fator *psicóide*²⁰ isto é, “sob forma alguma imaginável” (PIERI, [1998] 2002, p. 401). De acordo com Samuels, para Jung, “o arquétipo é um conceito psicossomático” que une “corpo e psique, instinto e imagem” (SAMUELS, [1986] 1988, p. 38).

No texto *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais* de seu livro **A dinâmica do inconsciente** – volume VIII das *Obras completas* –, Jung afirma que os arquétipos

são *indefinidos*, isto é, só podem ser conhecidos e determinados de maneira aproximativa. Embora estejam associados a processos causais, ou “portados” por eles, contudo estão continuamente ultrapassando os seus próprios limites, procedimento este a que eu daria o nome de *transgressividade porque os arquétipos não se acham de maneira certa e exclusiva na esfera psíquica, mas podem ocorrer também em circunstâncias não psíquicas* (equivalência de um processo físico externo com um processo psíquico). As equivalências arquetípicas são *contingentes* à determinação causal, isto é, entre elas e os processos causais não há relações conformes a leis [sic]. (JUNG, [1952] 1984 § 954).

Jung, em outro texto, *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico*, do mesmo livro, diz sobre a

natureza do arquétipo. Não devemos confundir as representações arquetípicas que nos são transmitidas pelo inconsciente com o *arquétipo em si*. Essas representações são estruturas amplamente variadas que nos remetem para uma forma básica *irrepresentável* que se caracteriza por certos elementos formais e determinados significados fundamentais, os quais, entretanto, só podem ser apreendidos de maneira aproximativa. O arquétipo em si é um fator psicóide que pertence, por assim dizer, à parte invisível e ultravioleta do espectro psíquico.[...] parece-me provável que a verdadeira natureza do arquétipo é incapaz de tornar-se consciente, quer dizer, é transcendente, razão pela qual eu a chamo de psicóide. (JUNG, [1947/1954]1984 § 417).

Numa relação quanto à idéia de *predisposição*, Jung afirma, em **Símbolos da transformação**, que o arquétipo consistiria numa “predisposição funcional para produzir idéias iguais ou semelhantes [não herdadas]” (JUNG, [1912/1952]1986 §154). Ou então, uma

²⁰De acordo com Pieri, em seu **Dicionário junguiano**, “o termo foi cunhado pelo biólogo Driesch, que o usa para indicar a força psíquica, a qual – na teoria vitalista – é posta para presidir a formação e o desenvolvimento dos organismos.” (PIERI, [1998] 2002, p. 401). Jung, no texto *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico* no livro **A dinâmica do inconsciente** – volume VIII de suas *Obras completas*, afirma que “ao usar o termo ‘psicóide’, estou plenamente côncio de que ele entra em choque com a mesma palavra criada por Driesch.” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 368)

predisposição inata para criação de fantasias paralelas, de estruturas idênticas, universais, da psique, que [chamou] mais tarde de inconsciente coletivo. [Deu] a estas estruturas o nome de arquétipos. Elas correspondem ao conceito biológico do “pattern of behaviour” (idem § 224)²¹

Numa tentativa de tentar diferenciar o que seria *arquétipo* e *imagem arquétípica*, Jung afirma que

Os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo, e no primeiro caso, de um modo muito limitado. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo, no caso de tornar-se consciente e portanto preenchida com o material da experiência consciente. Sua forma, por outro lado [...] poderia ser comparada ao sistema axial de um cristal, que pré-forma, de certo modo, sua estrutura no líquido-mãe, apesar de ele próprio não possuir uma existência material. Esta última só aparece através da maneira específica pela qual os íons e depois as moléculas se agregam. O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as idéias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. Provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto os mesmos não são postos em ação *in concreto*. (JUNG, [1938/1954] 2000b § 155)

Segundo Jung, “aquilo que entendemos por ‘arquétipos’ é, em si, irrepresentável, mas produz efeitos que tornam possíveis certas visualizações, isto é, representações arquétípicas” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 417).

Quanto às experiências vivenciadas e os arquétipos, Jung observa, em **Estudos sobre psicologia analítica** – volume VII de suas *Obras completas* –, no texto *Psicologia do inconsciente*, que os mesmos “podem ser interpretados como efeito e sedimento de experiências realizadas, mas também se manifestam como fatores que provocam tais experiências” (JUNG, [1917/1943] 1978 § 151 nota 3)

Dentro do ponto de vista junguiano, poderia existir um número infinito de arquétipos (SAMUELS, [1986] 1988, p. 38), uma vez que, segundo Jung,

há tantos arquétipos quanto situações típicas da vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade, ou produz um conflito de dimensões eventualmente patológicas, isto é, a neurose. (JUNG, [1936] 2000b § 99).

²¹Sobre arquétipo e *pattern of behaviour* ver acima. Ou no texto de Jung, já também citado, *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico*, item G. *Pattern of behavior [forma comportamental] e arquétipo* (JUNG, [1947/1954] 1984 §§ 397-420).

Sobre a origem dos arquétipos, Jung afirma, que “é impossível explicar” de onde eles viriam (JUNG, [1936/1954] 2000b § 140 nota 29). Mais que isso, que seria uma questão difícil de se responder, pois ele assevera:

saber se a estrutura anímica e seus elementos, isto é, os arquétipos, tiveram uma origem de algum modo, é uma questão metafísica e não comporta por isso uma resposta. A estrutura é aquilo que sempre é dado, isto é, o que sempre preexistiu, Isto é, a condição prévia. [E arquétipo] é as duas coisas: forma e energia (JUNG, [1938/1954] 2000b § 187).

Em outro momento, no texto *Tentativa de uma interpretação psicológica do dogma da trindade em Psicologia da religião ocidental e oriental* – volume XI de suas *Obras completas* –, diz que já lhe perguntaram muitas vezes de onde procederia o arquétipo, se seria algo adquirido ou não, o que ele responde tentando traçar a mesma linha de raciocínio:

É-nos impossível responder diretamente a esta pergunta. Como diz a própria definição, os arquétipos são fatores e temas que agruparam os elementos psíquicos em determinadas imagens (que denominamos arquetípicas), mas de um modo que só pode ser reconhecido pelos seus efeitos. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam as dominantes estruturais da psique em geral, assemelhando-se ao sistema axial dos cristais que existe em potência na água-mãe, mas não diretamente perceptível pela observação. Como condições a priori, os arquétipos representam o caso psíquico especial do “pattern of behaviour” (esquema de comportamento), familiar aos biólogos e que confere a cada ser vivente a sua natureza específica. Assim como as manifestações deste plano biológico fundamental podem variar no decurso da evolução, o mesmo ocorre com as manifestações dos arquétipos. Do ponto de vista empírico, contudo, o arquétipo jamais se forma no interior da vida orgânica em geral. Ele aparece ao mesmo tempo que a vida. (JUNG, [1942/1948] 1983 § 222 nota 2)

Jung, ao estabelecer paralelos às “représentations mystiques” de Lévy-Bruhl, afirma, analogamente, que os arquétipos não estão ligados “a nenhuma época específica, ou a alguma região do planeta, ou a alguma raça. Onipresentes no espaço e no tempo, de origem desconhecida, podem reproduzir-se mesmo onde está excluída a tradição por meio de migração dos povos.” (JUNG, [1961] 1998 § 530).

2.5. Os arquétipos e a linguagem científica

Outra característica que se pode perceber do arquétipo é seu aspecto *paradoxal* (JUNG, [1947/1954] 1984 § 414). Em distintos textos do livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume XI/1 de suas *Obras completas* – percebemos este aspecto apontado por Jung. Para ele, os arquétipos conteriam uma bipolaridade (JUNG, [1946/1948] 2000b § 413), “um aspecto positivo e outro negativo” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 79) e até mesmo uma multiplicidade de sentidos (idem § 80). Além disso, gozariam de certa autonomia e não se poderia “integrá-los simplesmente por meios racionais” (idem § 85). Desta forma, não haveria um “um substitutivo ‘racional’ para o arquétipo”. O que se poderia fazer é descrevê-lo fenomenologicamente (JUNG, [1940] 2000b § 272).

Afinal, para Jung,

o intelecto discriminador sempre procura estabelecer o seu significado unívoco e perde o essencial, pois a única coisa que é possível constatar e que corresponde à sua natureza [do arquétipo] é a multiplicidade de sentido, a riqueza de referências quase ilimitadas que impossibilita toda e qualquer formulação unívoca. (JUNG, [1934/1954] 2000b § 80)

No livro **Cartas III**, numa intensa seqüência de correspondências com *Dr. Edward A. Bennet* (quatro cartas no período de 22/05/1960 à 23/06/1960), Jung estabelece um diálogo reagindo à crítica de que não haveria “prova científica” sobre a “hipótese dos arquétipos” (JUNG, [1956-1961] 2003a, p.255).

Nesse sentido, diz, em carta de 22/05/1960, que “a única prova é a sua aplicabilidade” e se admira que Bennet “deseje melhor prova” do que isso. Mais adiante, Jung escreve que

O arquétipo mostra que há formações de pensamentos de natureza paralela ou idêntica em todo o mundo [...] e que, além disso, elas podem ser encontradas em indivíduos que nunca ouviram falar de tais paralelos. Eu dei ampla evidência desses paralelos e com isso evidenciei a aplicabilidade de meu ponto de vista. Alguém deve provar que minha idéia *não* é aplicável e mostrar qual é o outro ponto de vista mais aplicável.[...] Existe melhor prova de uma hipótese do que sua aplicabilidade? Ou consegue provar que a idéia do “arquétipo” é uma bobagem em si mesma? (idem p.255-256)

Em outra correspondência, datada em 03/06/1960, Jung continua:

Fiquei surpreso, pois, com sua afirmação de que faltava prova científica para a concepção de arquétipo e pensei que tivesse algo especial na manga quando a fez. Como não existe algo como “prova absoluta”, eu me pergunto qual a diferença que o senhor faz entre a aplicabilidade de uma teoria e aquilo que o senhor chama de “prova científica”? (idem, p.259).

Dr. Bennet, por sua vez, respondeu em 08/06/1960 a esta pergunta afirmando que:

Por prova científica entendo uma explicação de fenômenos que podem ser observados e comprovados também por outras pessoas e nos quais é possível constatar uma regularidade imutável e predizível. Isso pressupõe uma concordância geral (...) sobre os fatos em discussão [...] Mas não é possível apresentar semelhante prova, segundo minha opinião, na psicologia. Naturalmente isto não contradiz o emprego de uma teoria ou hipótese científica. (idem, p.260 nota 3).

Numa última correspondência desta seqüência, de 23/06/1960, Jung esclarece que

Os acontecimentos psíquicos são fatos observáveis e podem ser tratados de maneira “científica”. Ninguém me provou até agora que meu método não tenha sido científico. Alguns se contentaram em gritar “anticientífico”. Sob essas circunstâncias eu reclamo a conotação de “científico”, porque faço exatamente o que o senhor descreve como método “científico”. Eu observo, eu classifico, eu estabeleço relações e seqüências entre os dados observados e também mostro a possibilidade de predição. Quando falo do inconsciente coletivo, não o considero um princípio, mas dou apenas um nome à totalidade de fatos observáveis, isto é, os arquétipos. Não derivado nada disso, pois é apenas um *nomen*. [...] É evidente que a psicologia tem o direito de ser “científica”, mesmo que não esteja ligada apenas a métodos físicos e fisiológicos (altamente inadequados) (idem, p.265)

Dr. Bennet, em sua última carta, datada em 07/07/1960, diz a Jung:

o senhor mencionou diferenças no uso do conceito “científico”. Sou da opinião que também no ambiente anglo-saxão este termo tenha o mesmo significado que em outras partes do mundo, quando se trata da aplicação de um método. Tanto no Continente, como aqui, o modo de ver “adequado, lógico e sistemático” – para usar suas palavras – é científico. Por isso o seu método deve ser considerado indubitavelmente científico. [...] Suas explicações terminaram por esclarecer definitivamente minha opinião. (idem, p.266 nota 2)

Objetivando reforçar o aspecto científico de suas idéias, Jung afirma que, se os arquétipos “produzem certas formas anímicas, temos que explicar onde e como podemos apreender o material que torna as formas anímicas visíveis”. (JUNG, [1936] 2000b § 100)

Assim sendo, segundo ele, teríamos algumas fontes mais específicas de acesso a este material.

Os sonhos são a “fonte principal”, pois não têm influência da intencionalidade da consciência e neles podemos encontrar motivos que não são

do conhecimento do sonhador. (idem). “Outra fonte” é a imaginação ativa²² – “uma seqüência de fantasias que é gerada pela concentração intencional” (idem § 101) –, e ambas as fontes trazem à tona “um rico material de formas arquetípicas”. (idem § 102).

Também nos “delírios dos doentes mentais, das fantasias em estados de transe e dos sonhos da primeira infância (dos 3 aos 5 anos de idade)” se encontram outras fontes. Este material só tem validade se “encontrar paralelos históricos convincentes” que extrapolem o significado individual do símbolo, mas que contenham o mesmo significado, com “descrições exaustivas”²³ (idem § 103).

Diante de tudo o que foi descrito até então, podemos entender que a hipótese do arquétipo é um referencial ou uma representação construídos a partir de observações realizadas por Jung que poderiam ser utilizados em diversas áreas.

Em correspondência pessoal datada de 12/03/2005, Walter Boechat²⁴ afirma que

A teoria dos arquétipos é um modelo, assim como o modelo da estrutura do átomo de Bohr. Como modelo, acho interessante, desde que seja operativa, em clínica, terapia de família, estudos sociais, mas não se deve pretender que seja uma verdade da natureza. Qualquer teoria, mesmo as ditas científicas, não podem pretender ser um espelho da natureza. Assim entendendo a questão do modelo [...] o arquétipo deve ser visto, dentro de uma perspectiva construtivista. (BOECHAT, 2005)

Neste sentido, Boechat aponta também um aspecto que parece ser de grande importância, no texto *Considerações gerais sobre a teoria dos complexos* do livro **A dinâmica do inconsciente – Obras completas** volume VIII (JUNG, [1934] 1984), no qual Jung articula a teoria dos arquétipos à dos complexos.

Segundo Boechat, em sua tese de doutorado, denominada **O corpo psicóide**: a crise de paradigma e o problema da relação corpo-mente, no texto

Uma Revisão da Teoria dos Complexos [sic]²⁵, Jung procurou integrar as duas partes de seu construto teórico, uma psicodinâmica da primeira fase de sua obra,

²²Segundo Pieri, imaginação ativa seria “[...] em sentido específico, forma de objetivação forçada das imagens. Neste sentido foi aplicada por Jung em primeiro lugar sobre si mesmo durante a assim chamada ‘viagem à descoberta do inconsciente’. Organizada de modo mais sistemático, tal modalidade constitui um método dirigido a desenvolver a imaginação do paciente durante a psicoterapia, a fim de acelerar os processos de formação de símbolos e de imagens individuais e coletivas [imagens arquetípicas]” (PIERI, [1998] 2002, p.236).

²³Talvez daí a preocupação sempre presente nos textos de Jung em dar inúmeros exemplos.

²⁴Analista Junguiano diplomado pelo *Instituto C.G.Jung*, Zürich, Suíça. Doutor pelo Instituto de Medicina Social, UERJ, Membro Fundador da *Associação Junguiana do Brasil - AJB*.

até 1912, isto é, a psicodinâmica dos complexos, com a psicologia que construiu baseada na teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo, a partir de 1912, quando publicou *Símbolos de Transformação* [sic]²⁶. (BOECHAT, 2004, p. 90)

Parece ser relevante Boechat apontar esta articulação complexo-arquétipo, senão incorreria na possibilidade de ficar com o conceito de arquétipo numa dimensão *exclusivamente platônica* em que os *arquétipos* estariam como que *pairando no ar*. Na prática clínica, no núcleo de um arquétipo está um complexo, e aquele se manifesta por este, enraizado no corpo no paciente – como a experiência de associações demonstra.

Em linha de raciocínio semelhante, Jolande Jacobi afirma que “a noção de complexo aparece ligada por laços de parentesco à de arquétipo numa estreita relação de complementação e reciprocidade; é *como se*²⁷ o próprio Jung sugerisse a tentativa de clarificar também esse conceito”. (JACOBI, [1957] 1990, p. 36)

Todavia, cumpre lembrar que a própria Jacobi adverte, neste mesmo texto:

Os conceitos de Jung que procuramos apresentar aqui abrem perspectivas de longo alcance e, em certo sentido, revolucionárias, à compreensão do complexo. Elas são o resultado de uma evolução viva nascida do desdobramento e aprofundamento do ensinamento de Jung, que ele próprio não chegou a esboçar claramente ou a coordenar em lugar algum. (idem, p. 35)²⁸

Uma característica da experiência do arquétipo é o seu aspecto de *numinosidade*. De acordo com Pieri, o termo *numinoso* “ocorre na psicologia analítica como sinônimo de *fascinosum* para indicar o caráter com que uma coisa, cujo sentido é ignorado ou ainda não conhecido, se transforma em força que fascina a consciência do sujeito” (PIERI, [1998] 2002, p. 347). Na maioria das vezes, a categoria de *numinoso* é a experiência que a consciência tem do inconsciente.

Jung, em diversas passagens, aponta para a numinosidade do arquétipo. Em **Símbolos da transformação** – volume V de suas *Obras completas* –, diz que o arquétipo teria uma qualidade psicológica “de caráter numinoso inerente” (JUNG,

²⁵ *Considerações gerais sobre a teoria dos complexos* (JUNG, [1934] 1984). Boechat utilizou o mesmo texto, porém com título distinto da versão brasileira: “*A review of the complex theory*, O.C. vol. 8.; London: Routledge & Kegan Paul, 1972.” (BOECHAT, 2004, p. 163)

²⁶ **Símbolos da transformação** (JUNG, [1912/1952] 1986a). Boechat utilizou o mesmo texto, porém traduziu o título de forma distinta da versão brasileira: “*Symbols of transformation*, O.C. vol.5, Princeton: Princeton University Press, 1974.” (BOECHAT, 2004, p. 163)

²⁷ Itálico nosso.

²⁸ Por outro lado, cumpre também lembrar o que já foi dito anteriormente: Jung não só prefaciou este livro de Jacobi, como também este prefácio está contido em suas *Obras completas*, em **Vida simbólica II** – volume XVIII/2 (JUNG, [1957] 2000a §§ 1256-1258).

[1912/1952] 1986 § 467) ou, em **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume IX/1 das *Obras completas* –, no texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, uma “numinosidade natural” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 82). Em *Símbolos e interpretação dos sonhos*, em **Vida simbólica I** – volume XVIII/1 de suas *Obras completas* –, “pode-se perceber a energia específica dos arquétipos quando se é tomado por um legítimo sentimento de *numinosidade* que a acompanha como uma fascinação ou encanto que deles emanam”. (JUNG, [1961]1998 §547)

Em outro texto, *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico*, em **A dinâmica do inconsciente** – volume VIII de suas *Obras completas* –, Jung afirma que

os arquétipos, quando surgem, têm um caráter pronunciadamente numinoso, que poderíamos definir como “espiritual”, para não dizer “mágico”. Conseqüentemente, este fenômeno é da maior importância para a psicologia da religião. O seu efeito, porém, não é claro. Pode ser curativo ou destruidor, mas jamais indiferente, pressupondo-se, naturalmente, um certo grau de clareza. Este aspecto merece a denominação de “espiritual” por excelência. [...] Há uma aura mística em torno de sua numinosidade, e esta exerce um efeito correspondente sobre os afetos. Ele mobiliza concepções filosóficas e religiosas em pessoas que se acreditam a milhas de distância de semelhantes acessos de fraqueza. Frequentemente ele nos impele para seu objetivo, com paixão inaudita e lógica implacável que submete o sujeito ao seu fascínio, de que este, apesar de sua resistência desesperada, não consegue e, finalmente, já não quer se desvencilhar, e não o quer justamente porque tal experiência traz consigo uma plenitude de sentido até então considerada impossível. (JUNG, [1947/1954]1984 § 405)

No livro **Psicologia da religião ocidental e oriental**, Jung se vale do conceito de *numinoso* e, numa conhecida passagem deste livro, no texto *Psicologia e religião*, Jung diz que entende religião como

uma *acurada e conscienciosa observação* daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. (JUNG, [1938/1940] 1983 § 6)

Distinto de seu estilo erudito e rebuscado, Jung, que sempre cita vários exemplos e transcreve excertos em diversas línguas, não o faz – em momento algum de sua obra – quando se refere ao conceito de *numinoso* de Otto.

Desta forma, buscamos ter acesso à obra **O sagrado** (OTTO, [1917] [19 — ?) e verificamos que Otto, ao falar dos “elementos do numinoso”, antes de

descrever “a reacção [sic] provocada na consciência pelo sentimento do objecto [sic]²⁹ numinoso” (idem, p. 17), adverte o leitor de maneira singular:

Convidamos o leitor a fixar a atenção num momento em que experimentou uma emoção religiosa profunda e, na medida do possível, exclusivamente religiosa. Se não for capaz ou se até não conhece tais momentos, pedimos que termine aqui a sua leitura. (ibidem).

Luiz José Veríssimo, em sua dissertação de mestrado **A experiência religiosa como expressão do si mesmo** – um estudo do pensamento de C.G. Jung, afirma que Otto, nesta passagem, “parece negar qualquer acesso a um entendimento do numinoso” (VERÍSSIMO, 1997, p. 37). Afinal, suas

afirmações [...] provocam a impressão de nos deixar numa aporia. Pois, se é tão problemática a apresentação do sagrado pelo discurso conceitual, como se justifica a elaboração de uma obra versando sobre um tema que é considerado inexprimível em seus próprios fundamentos? (ibidem)

Fica evidenciado que a idéia de numinoso de Otto é algo de difícil entendimento numa perspectiva conceitual. Ao mesmo tempo, uma das características da idéia junguiana de arquétipo é, justamente, o aspecto numinoso. Esta perspectiva remete, mais uma vez, à dificuldade em se apreender o que seria de fato arquétipo.

Jolande Jacobi, em seu já citado livro **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G. Jung**, deixa clara a grande dificuldade em definir o que seria a idéia de arquétipo. Segundo ela,

não é fácil estabelecer uma definição exata de arquétipo; talvez seja até bom entender o termo “esboçar” em seu sentido mais amplo de “circunscrever” e não de “descrever”, porque o arquétipo representa um enigma profundo, que ultrapassa a nossa capacidade racional de compreender [...] ele sempre contém mais alguma coisa, que permanece desconhecida e não formulável. Por isso, toda interpretação forçosamente encontrará o seu limite no “como se” (JACOBI, [1957] 1990, p. 37)

Diante desta questão, como já visto anteriormente, Jung se atém mais ao aspecto fenomenológico e menos ao aspecto conceitual para elucidar o que é arquétipo. Lançando mão de uma metáfora biológica – ciências naturais – para talvez se legitimar, Jung diz que

[...] toda afirmação que ultrapasse os aspectos puramente fenomênicos de um arquétipo expõe-se necessariamente à crítica [...]. Em momento algum devemos sucumbir à ilusão de que um arquétipo possa ser afinal explicado e com isso

²⁹A presente tradução foi publicada em Portugal.

encerrar a questão. Até mesmo a melhor tentativa de explicação não passa de uma tradução mais ou menos bem-sucedida para outra linguagem metafórica. [...] O arquétipo – e nunca deveríamos esquecer disso – é um órgão anímico presente em cada um. Uma explicação inadequada significa uma atitude equivalente em relação a este órgão, através do qual este último pode ser lesado. O último que sofre, porém, é o mau intérprete. A “explicação” deve portanto levar em conta que o sentido funcional do arquétipo precisa ser mantido, isto é, uma conexão suficiente e adequada quanto ao sentido da consciência com o arquétipo deve ser assegurada. (JUNG, [1940] 2000b § 271)

2.6. O aspecto enigmático do arquétipo

Em **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – volume IX/1 de suas *Obras completas* –, no texto *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo*, Jung diz que não só os arquétipos, mas também as imagens arquetípicas possuiriam “um sentido a priori tão profundo que *nunca* questionamos seu sentido real” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 22).³⁰

Entende-se que, quando Jung tenta estabelecer conexões e conceitos referentes à idéia de arquétipo, ele também se depara, de forma análoga, com a postura de Otto em seu conceito de numinoso – uma das características atribuídas ao arquétipo por Jung: lida-se com algo irracional, de que não se pode aproximar a não ser dentro de uma perspectiva fenomenológica. De acordo com Jung, ainda no mesmo texto,

os princípios fundamentais, os [arquétipos] do inconsciente, são indescritíveis, dada a riqueza de referências, apesar de serem reconhecíveis. O intelecto discriminador sempre procura estabelecer o seu significado unívoco e perde o essencial, pois a única coisa que é possível constatar e que corresponde à sua natureza é a multiplicidade de sentido, a riqueza de referências quase ilimitadas que impossibilita toda e qualquer formulação unívoca (idem § 80)

Cumprido dizer que compartilhamos da concepção de que o viés racional é limitado e limitador em diversas instâncias e não tem condições de abarcar uma série de elementos psíquicos – ainda mais levando-se em conta a possibilidade da dimensão inconsciente. Em consequência, não temos a pretensão de restringir ou dissecar a psique por este viés.

³⁰Itálico nosso.

De forma evidente, levam-se em consideração, também e a todo instante, os aspectos clínicos, fenomenológicos e as outras possibilidades de aplicação da idéia de arquétipo.

Todavia, sem descartar a importância destes aspectos, parece inevitável inferir –dentro do que apresentamos até então – a possibilidade de uma *dimensão enigmática* amalgamada à idéia de arquétipo desenvolvida por Jung.

Se essa inferência for legítima, somos levados a crer que esta *dimensão enigmática* seja um aspecto problemático dentro de uma perspectiva dialogal acadêmica. Afinal, esta dimensão do *objeto* – arquétipo – aponta para uma certa dificuldade de interlocução e compreensão devido ao fato de Jung querer trabalhar numa linguagem científica, que é, justamente, desejosa de inteligibilidade e objetividade.

Observa-se, em um lugar-comum no meio acadêmico, talvez por influências positivistas ou racionalistas, que, ao se falar de uma *dimensão enigmática* de determinado pensamento, isso resultaria numa diminuição da relevância de determinada idéia – cumpre dizer que não seria esta a direção desejada. O que desejamos apontar aqui é aquilo que entendemos dificultar a compreensão, e conseqüente aceitação – extra-campo junguiano – da idéia de arquétipo.

Podemos observar uma ligação da palavra arquétipo com algo enigmático ou misterioso, o que facilitou sua associação a uma dimensão religiosa. De acordo com Pieri, bem antes de Jung, o aspecto religioso da palavra arquétipo é observado nos filósofos da

tardia Antigüidade para denotar a idéia platônica enquanto modelo originário [...] das formas das quais as coisas sensíveis são simples cópias, mas também e mais freqüentemente para denotar as idéias existentes na mente de Deus enquanto modelo das coisas criadas [...]. Plotino, com efeito, junto com Proclo, compreendeu como tais os materiais com os quais Deus tinha criado o mundo das idéias às quais, enquanto modelos, o próprio Deus – formando o mundo sensível – tinha se referido. Com essas características teológicas, a teoria dos arquétipos foi acolhida pelos Padres da Igreja e adaptada à visão cristã [como em santo Ambrósio e santo Agostinho]. (PIERI, [1998] 2002, p. 44)

Independentemente desta perspectiva histórico-filosófica, a idéia de arquétipo no pensamento de Jung em si evidencia-se, ainda nas palavras de Pieri,

o quanto esteja presente [...] uma aspiração de tipo holístico e onicompreensivo, que o leva à construção de uma *psychologia perennis*. Por outro lado, na direção dessa hipótese de uma psicologia *sine tempore*, movia-se já o Jung da primeira redação de *Símbolos e transformações da libido* [...], em que anuncia a presença

na psique humana de “imagens” e “disposições às imagens” que têm um caráter imutável, universal e imperecível (idem, p. 45)

A dimensão enigmática do arquétipo, que estamos tentando salientar, pode ser apreendida em distintas passagens e aspectos da obra de Jung.

Na perspectiva deste autor, em seu livro **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, o arquétipo é atemporal, incontável por haver “tantos arquétipos quantas situações típicas na vida” (JUNG, [1936] 2000b § 99). Mais que isso, seria também inesgotável (JUNG, [1934/1954] 2000b § 80), inefável e inexplicável (JUNG, [1940] 2000b § 271).

De acordo ainda com Jung, “uma vez que os arquétipos são relativamente autônomos como todos os conteúdos numinosos, não se pode integrá-los simplesmente por meios racionais” (JUNG, [1934/1954] 2000b § 85) e, mais que isso, “não há substitutivo ‘racional’ para o arquétipo” (JUNG, [1940] 2000b § 272).

Segundo ele, o arquétipo seria, em relação à imagem arquetípica, “uma forma básica *irrepresentável* que se caracteriza por certos elementos formais e determinados significados fundamentais, os quais, entretanto, só podem ser apreendidos de maneira aproximativa.” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 417)

Diretamente, o arquétipo não pode ser observado, mas ele pode ser acompanhado pelas manifestações da “fenomenologia arquetípica” (JUNG, [1940] 2000b § 272). Mais do que isso, quando se trata de arquétipos, de acordo com Jung, as

delimitações agudas e formulações estritas de conceitos são praticamente impossíveis [...], pois a interpenetração recíproca e fluida pertence à [sua] natureza. Estes [os arquétipos] só podem ser circunscritos na melhor das hipóteses de modo aproximativo. O seu sentido vivo resulta mais de sua apresentação como um todo do que sua formulação isolada. *Toda tentativa de uma apreensão mais aguda pune-se imediatamente pelo fato de apagar a luminosidade do núcleo inapreensível de significado.* (idem, §301)³¹

Os arquétipos, de acordo com Jung, não são “invenções arbitrárias, mas elementos autônomos da psique consciente, anteriores a qualquer invenção. Eles representam a estrutura inalterável de um mundo psíquico, o qual mostra que é ‘real’ mediante efeitos determinantes sobre a consciência” (JUNG, [1946/1948] 2000b § 451).

³¹ Itálico nosso.

Para Jung, as neuroses, “doenças mentais [...], delírios psicóticos [...] [e] numerosos documentos histórico-literários comprovam que tais arquétipos existem praticamente por toda parte” (JUNG, [1934/1954] 2000b §83), ou seja, são “onipresentes no espaço e no tempo” (JUNG, [1961] 1998 § 530) e se manifestam nos aspectos físicos, psíquicos (JUNG, [1952] 1984 § 954) e instintivos (JUNG, [1957] 2000a § 1271).

Ao se levar em conta a possibilidade do arquétipo, entendemos que esta se encaminha para uma perspectiva de uma *essência* apriorística inata ao ser humano, que não seria uma *tabula rasa* (JUNG, [1957] 2000a §1271) (JUNG, [1961] 1998 § 540). De acordo com Jung,

na medida em que a criança vem ao mundo com o cérebro diferenciado, predeterminado pela hereditariedade e portanto individualizado, ela responde aos estímulos sensoriais externos, não com *quaisquer* predisposições, mas sim com predisposições *específicas*, que condicionam uma seletividade e organização da percepção que lhe são próprias (individuais). Tais predisposições são comprovadamente instintos herdados e pré-formações. Estas últimas são as condições apriorísticas e formais da a percepção, baseadas nos instintos. Sua presença imprime no mundo da criança e do sonhador o timbre antropomórfico. Trata-se dos arquétipos [...]. (JUNG, [1936/1954] 2000b §136)

Todavia, segundo este autor, “provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto os mesmos não são postos em ação *in concreto*” (JUNG, [1938/1954] 2000b § 155).

De acordo com Jung, “parece-me provável que a verdadeira natureza do arquétipo é incapaz de tornar-se consciente, quer dizer, é transcendente” (JUNG, [1947/1954] 1984 § 417).

Para Jung, sua “origem é desconhecida” (JUNG, [1961] 1998 § 530), pois “é impossível explicar de onde vem o arquétipo” (JUNG, 2000b § 140 nota 29). Vale lembrar aqui o início de uma passagem, já citada, do texto *Tentativa de interpretação psicológica do dogma da trindade em Psicologia da religião ocidental e oriental*, em que Jung assevera: “Já me perguntaram muitas vezes donde procede o arquétipo. É um dado adquirido ou não? É-nos impossível responder diretamente esta pergunta [...]. Os arquétipos são anteriores à consciência. [O arquétipo] aparece ao mesmo tempo que a vida” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 222 nota 2).

De acordo ainda com Jung, a multiplicidade de sentidos (JUNG, [1934/1954] 2000b § 80) dificulta “saber se a estrutura anímica e seus elementos,

isto é, os arquétipos, tiveram origem de algum modo, é uma questão metafísica e não comporta por isso uma resposta” (JUNG, [1938/1954] 2000b § 187).

De difícil limitação, “nenhum arquétipo pode ser reduzido a uma simples forma. Trata-se de um recipiente que nunca podemos esvaziar, nem encher” (JUNG, [1940] 2000b § 301). Já seu conhecimento é apenas aproximativo, afinal os arquétipos “são *indefinidos*, isto é, só podem ser conhecidos e determinados de maneira aproximativa.” (JUNG, [1952] 1984 § 954).

Por outro lado, sua experiência direta é perigosamente fascinante (JUNG, [1934/1954] 2000b § 82), tremenda, misteriosa, impactante e avassaladora – isto é, numinosa (JUNG, [1957] 2000a §§ 1272 - 1273).

De difícil definição, intangível e avesso a uma perspectiva conceitual, há de se ater à sua fenomenologia, não se devendo tentar explicá-lo, pois quem sofrerá com isso será o “mau intérprete” (JUNG, [1940] 2000b § 271).

Diante de tudo isso, o que se pode depreender é que este possível aspecto enigmático do arquétipo se circunscreve em algumas particularidades que gostaríamos de retomar.

Como vimos, para Jung, o arquétipo se caracteriza como algo atemporal, autônomo, incontável, inesgotável, inefável, inexplicável, anterior à consciência, e surge simultaneamente com a vida.

Além disso, não se pode abarcá-lo, por ser irracional e irrepresentável. Todavia, o arquétipo pode ser observável apenas por suas manifestações, que são sempre mutáveis. Seria ele também algo inalterável e onipresente que se manifesta, como se viu acima, em aspectos físicos, psíquicos e instintivos.

Filosoficamente, o arquétipo se encontra numa perspectiva em que a essência precederia a existência, sendo que, ao mesmo tempo, a prova da essência do arquétipo em si é uma possibilidade difícil.

Por sua natureza ser transcendente, sua origem desconhecida e seus sentidos múltiplos nos remetem a uma questão metafísica que o próprio Jung recusa, dizendo-se empirista.

Também de acordo com o exposto, o arquétipo não pode ser reduzido e o seu conhecimento é apenas aproximativo. Mas sua experiência direta é fascinante, tremenda, misteriosa, impactante e avassaladora - isto é, numinosa.

De difícil definição, intangível e avesso a uma perspectiva conceitual, há de se ater à sua fenomenologia, não se devendo, contudo, tentar explicá-lo. Pois quem sofrerá com isso, será aquele que não consegue compreendê-lo.

Diante de tudo isso, é se levado a entender que os aspectos aqui levantados apontam para uma direção cuja idéia de arquétipo, descrita por Jung, encontra, intencionalmente ou não, ressonância numa *seara enigmática* em que, aparentemente, somente os *iniciados* poderiam vislumbrar uma possível compreensão.

Todavia, como já foi dito anteriormente, mesmo sabendo que arquétipo se trata de um modelo – e também do amplo leque de possibilidades da aplicabilidade deste modelo na clínica psicológica, na compreensão de fatos sociais, de sua possível fenomenologia e da limitação da razão diante de aspectos psíquicos –, fica difícil estabelecer epistemologicamente, numa busca conceitual mais apurada, uma clara linha divisória do que seria arquétipo.

Pieri parece direcionar-se numa orientação semelhante ao afirmar que “no plano epistemológico a psicologia analítica acaba por indulgenciar em enrijecimento meta ou extrapsicológicos onde formula acriticamente a noção de arquétipo” (PIERI, [1998] 2002, p.50).

De forma análoga aponta Jolande Jacobi, alertando que, na tentativa de se definir o que seria arquétipo fica-se, na verdade, apenas buscando esboçá-lo ou circunscrevê-lo. Assim, acaba-se trabalhando “como se” se compreendesse o que ele é (JACOBI, [1957] 1990 p. 37).

Entende-se que, ao trabalhar dentro deste “como se”, torna-se mais delicado o diálogo acadêmico. Parece que se passa para uma perspectiva de não só *intuir* ou *supor* o que seria arquétipo, como também *acreditar* que seja algo, epistemologicamente, tangível.

Entendemos que esta perspectiva de *crença epistemológica* amalgamada aos aspectos descritos dos arquétipos reforça – se logramos êxito em nossa exposição – a possibilidade de se inferir que a idéia de arquétipo tem, em seu bojo, significativos aspectos enigmáticos que, em nosso entender, pouco esclarecem sua compreensão conceitual.

Finalizando, podemos depreender também que, a partir da concepção de arquétipo, uma outra se faz necessária dentro da teoria proposta por Jung,

surgindo como um *locus* onde os arquétipos se encontrariam: o *inconsciente coletivo*.

Seus textos, por vezes, sugerem que uma concepção está diretamente ligada à outra, não apresentando ao certo qual delas (i.e. das concepções) – arquétipo ou inconsciente coletivo – se situaria em primeiro lugar.

Em **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, no texto *O conceito de inconsciente coletivo*, Jung é enfático: “O conceito de arquétipo [...] constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo” (JUNG, [1936] 2000b § 89). Em **Símbolos da transformação**, Jung aponta para “uma predisposição inata para a criação de fantasias paralelas, de estruturas idênticas, universais, da psique, que mais tarde chamei de inconsciente coletivo. Dei a estas estruturas o nome de arquétipos” (JUNG, [1912/1952] 1986 §224).

Sendo assim, parece fundamental tentarmos compreender a concepção de Jung acerca do *inconsciente coletivo*. Justamente o que tentaremos realizar no próximo capítulo.